

Vasco Graça Moura

*Antologia*

366 Poemas  
Que Falam de Amor

## Introdução



Há várias maneiras possíveis de organizar e ordenar uma antologia, o que, evidentemente, se aplica também a uma antologia de poesia de amor. Pode, por exemplo, seguir-se um critério cronológico, por autores ou por épocas dos poemas; pode seguir-se um critério histórico e estilístico, ordenando-se os textos correspondentemente por épocas e por escolas; pode seguir-se um critério temático, surpreendendo as várias fases da relação amorosa, do avistamento e do enamoramento até à separação ou à morte, passando pela instância erótica e outras situações.

Todos estes métodos, e outros mais, têm sido utilizados e cada um tem os seus méritos. Mas aqui tratava-se de organizar um conjunto de 366 textos, conta cíclica, imediatamente relacionada com os dias do ano sem esquecer a bissexualidade. Já Petrarca assim fez, no seu *Canzoniere*. São também 366 os versículos do *Livro do Amigo e do Amado*, de Raimundo Lúlio. Por outro lado, o número 365 é relevante para a estrutura da *Faerie Queen*, de Spenser, e, como se sabe, para a das redondilhas «Sôbolos rios», de Camões. Quanto a estas últimas, Luciana Stegagno Picchio citava, aqui há uns anos, um passo de Gianfranco Folena sobre o *Canzoniere* petrarquiano, para caracterizá-las como «uma liturgia existencial do tempo circular,

do eterno retorno sobre si mesmo, como um só ano feito de toda uma vida». Retenhamos esta ideia, porque ela interessa ao caso presente.

Muito mais recentemente, a Einaudi publicou o *Lunario di fine millennio. 366 letture per il Duemila*, em prosa e verso, organizado por Guido Davico Bonino (1999) e distribuindo os textos seleccionados pelos meses, de Janeiro a Dezembro.

Ou seja, também é possível organizar uma antologia que se estruture, não apenas segundo os meses e os dias, mas até em correlação com as estações do ano, o que, em se tratando de poesia de amor, seria mesmo mais uma possibilidade sugestiva...

Todavia, tendo assentado no número de 366 poemas, pareceu-me ser mais importante e mais interessante que o conjunto espelhasse o lado caleidoscópico e anarquicamente desmultiplicado da relação amorosa e das suas vicissitudes, dessa «explosão / de tantas sensações contraditórias», como David Mourão-Ferreira diz no seu «Soneto do cativo», independentemente de qualquer dos critérios que acima ficaram referidos.

A sequência dos poemas foi, antes, modelada caso a caso, de acordo com a ideia de que, em minha opinião e no meu gosto, «ficava bem assim». Este assumido impressionismo foi-se organizando sucessivamente por relações de contiguidade ou oposição, de semelhança ou de diferença de registo, de saltos no tempo ou de proximidade de gerações, de coincidência ou de alternância de perspectivas. Procurei chegar assim, a navegar mais ou menos à vista, a 366 variações sobre o tema do amor. Como justificação teórica, é frouxa, até porque isto não tem nada de... justificação teórica, mas sim e apenas de explicação de um processo. Mas, exactamente, eu quis apresentar o conjunto sem me preocupar com esquemas, teorias, classificações, sistematizações, agendas ou calendários hipotéticos, propostas de leitura orientada, ou coisa que o valha.

Parti do princípio de que, sempre ou quase sempre, cada poema de amor seduz por si e vale por si e em si, sem prejuízo das inúmeras relações que, como texto literário, ele possa estabelecer com outros textos, com outras áreas da criação artística e com a nossa própria experiência humana. Espero que o resultado seja eficaz e tenha o efeito de provocar uma leitura aberta, irisada e saudavelmente arbitrária, da poesia de amor aqui incluída, a partir de qualquer das suas páginas, em qualquer direcção e nos múltiplos percursos que assim ficam desenhados e desespartilhados ao longo do livro.

Aos textos seleccionados de poetas portugueses acrescentei alguns outros, de poetas brasileiros, e também uma série de poemas de vários autores que traduzi para português. São vozes de todas as épocas e de muitos lugares. Mas é evidente que muitas outras escolhas, ordenações e combinatórias seriam possíveis. Assim como «amor não há feito» (já dizia Alexandre O'Neill), antologias de poesia de amor, nesse sentido daquilo que a cada um dos leitores dá o prazer fascinado da leitura a partir de um elenco de preferências, também não. Podem sempre recomeçar-se e refazer-se como alternativas às já existentes. Só espero que, movendo-se no interior desta, o leitor possa criar também a sua própria antologia e que isso lhe seja ensejo activo para pensamentos e emoções, exaltações e divertimentos, e até, embora isso esteja completamente fora de moda, para qualquer coisa que ainda tenha a ver com lágrimas e suspiros.

Vasco Graça Moura

1.

## Soneto do cativo

David Mourão-Ferreira

Se é sem dúvida Amor esta explosão  
de tantas sensações contraditórias;  
a sórdida mistura das memórias,  
tão longe da verdade e da invenção;

o espelho deformante; a profusão  
de frases insensatas, incensórias;  
a cúmplice partilha nas histórias  
do que os outros dirão ou não dirão;

se é sem dúvida Amor a cobardia  
de buscar nos lençóis a mais sombria  
razão de encantamento e de desprezo;

não há dúvida Amor, que te não fujo  
e que, por ti, tão cego, surdo e sujo,  
tenho vivido eternamente preso!

2.

## Cabelos

António Ramos Rosa

Cabelos são os teus cabelos as tuas mãos  
e que sinais de perfeição tão triste  
que doçura do espírito da terra  
que suavidade do espírito da água

Ombros seios umbigo velo sexo  
tudo velado pelo ouro da sombra  
da castidade ardente honra da carne  
honra de amor para o que a conhecer

3.  
Vou-me embora  
pra Pasárgada

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei um burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água.  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Prasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcalóide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada.

4.

## Arúspice

Fernando Guimarães

Meu amor, as entranhas das vítimas conservaram  
[o seu enigma,  
o fogo nos altares apagou-se lentamente,  
talvez como outrora já não venham as pombas  
alimentar-se de palavras em nossas mãos erguidas.

Pelo céu os cometas passaram mas a memória esquece  
o vestígio de sangue que nos deixa o seu brilho.  
A areia secou os rios, as nascentes,  
enquanto só o tempo prolonga a nossa esperança.

Junto de nós, a rosa foi apenas o seu desenho de cinza,  
uma criança nasce para sempre coroada de espinhos,  
tornaram-se para sempre os nossos braços extensos  
[e mais puros  
para erguermos, amor, em cada cruz um homem.

5.  
Soneto

Jorge de Sena

Amo-te muito, meu amor, e tanto  
que, ao ter-te, amo-te mais, e mais ainda  
depois de ter-te, meu amor. Não finda  
com o próprio amor o amor do teu encanto.

Que encanto é o teu? Se continua enquanto  
sofro a traição dos que, viscosos, prendem,  
por uma paz da guerra a que se vendem,  
a pura liberdade do meu canto,

um cântico da terra e do seu povo,  
nesta invenção da humanidade inteira  
que a cada instante há que inventar de novo,

tão quase é coisa ou sucessão que passa...  
Que encanto é o teu? Deitado à tua beira,  
sei que se rasga, eterno, o véu da Graça.

6.  
Homem transportando  
o cadáver de uma mulher!

Almada Negreiros

Quis-te tanto que gostei de mim!  
Tu eras a que não serás sem mim!  
Vivias de eu viver em ti  
e mataste a vida que te dei  
por não seres como eu te queria.  
Eu vivia em ti o que em ti eu via.  
E aquela que não será sem mim  
tu viste-a como eu  
e talvez para ti também  
a única mulher que eu vi!

7.

## Dejadme llorar

Fernando Assis Pacheco

Porque vos diziam amancebada  
e eu com uma tusa desvairada  
nos dezassete do liceu em flor

porque vos vi mal maridada  
na mesa de pouca luz banhada  
quis discursar-vos sobre o amor

como discursa uma alma enlevada  
se a retórica foi bem explicada  
por culto e sólido professor

e se a mesma não está danada  
mas simplesmente apaixonada  
com nos olhos um vago vapor

Mas a cantora supermaquilhada  
e aquela rumba açucarada  
dissiparam todo o fulgor

ou era a língua que eu tinha atada  
— má sorte da cerveja gelada  
ponhamos para maior rigor —

até que despontou a madrugada  
a triste malva madrugada  
e sonolento o vosso senhor

vindo da roleta já fechada  
com um gesto assim da mão pesada  
vos empurrou para o toucador

De onde sairíeis daí a nada  
a testa quase nada empoada

hoje morta porém sempre lembrada  
pelo vosso outrora admirador

8.

Amor é um arder,  
que se não sente

Abade de Jazente

Amor é um arder, que se não sente;  
É ferida, que dói, e não tem cura;  
É febre, que no peito faz secura;  
É mal, que as forças tira de repente.

É fogo, que consome ocultamente;  
É dor, que mortifica a Criatura;  
É ânsia a mais cruel, e a mais impura;  
É frágua, que devora o fogo ardente.

É um triste penar entre lamentos;  
É um não acabar sempre penando;  
É um andar metido em mil tormentos.

É suspiros lançar de quando, em quando;  
É quem me causa eternos sentimentos;  
É quem me mata, e vida me está dando.

9.

## Pedra de canto

Vitorino Nemésio

Ainda terás alento e pedra de canto.  
Mito de Pégaso, patada de sangue da mentira,  
Para cantar com sílabas ásperas o canto,  
De rima em -anto, o pranto,  
O amor, o apego, o sossego, a rima interna  
Das almas calmas, isto e aquilo, o canto  
Do pranto da pedra aparelhada a corpo e escopro,  
O estupro de outrora, e a triste vida dela, o canto,  
Buraco onde te metes, duplamente: com falo,  
Falas, fá-la chorar e ganir, com falo e canto  
No buraco de grilo onde anoiteces,  
No buraco de falso ermita onde conheces  
Teu nada, o dela, o buraco dela, o canto  
De falo, falas, fala, rima, rimas, canto  
De pedra, sim, canteiro por cantares e aparelhares  
Com ela em rua e cama o falo fá-la cheia,  
Canteiro porque o falo a julga flores, o canto  
Áspero do canteiro de pedra e sémen que tu és  
(No buraco do falo falaste),  
Tu, falazão de amor, que a amas e conheces...

Amas a quem? Conheces quem? Pobre Hipocrene,  
Apolo de pataco, Camões binocular, poeta de merda,  
Embora merda em sangue dessa pobre alma em ferida,  
A dela e a tua, cadela a tua pura e fiel no canto  
De lama e amor como não há no charco em torno,  
Maravilhoso canto só de soprões na ponta a um corno  
E logo a sílaba e o inferno te obedecem  
E as dores íntimas dela nas tuas falas se conhecem,  
Sua íntima vergonha inconfessada desponha,  
Passiflora penada, pequenina vulva triste  
Em teu sémen sarada e já livre de afronta:  
O canto em pedra e voz, psicóide e bem vibrado,  
Límpido como o vidro a altas horas lavado,  
Como o galo de bronze pela dor acordado,  
No amor e na morte alevantado,  
Da trampa mentirosa resgatado,  
Como Dante o lavrou em pedra de Florença  
E Deus to deu de amor por ela no atoleiro,  
Flor menina de orvalho e em amor verdadeiro?

Ainda terás alento e pedra de canto,  
Fé nela e sua dor de arrependida e enganada,  
Ou enfim amor a fogo dado e perdão puro...  
Eu quero lá saber! Amor de Deus no canto  
De misericórdia e paz, mesmo para os violentos  
Da violada violeta, a breve margarida  
Ao canto unida e em tuas lágrimas orvalhada?  
Cala-te e humilha-te com ela,  
Que é maior do que tu no canto,  
E a esta hora só bebe talvez água salgada,  
Oh poeta de água doce!

Mas antes de calar espada e voz, responde:

Ainda terás alento e pedra de canto  
Para cantar estas coisas,  
Encantar outra vez a donzela encantada e niña morta?  
Enfim o teu amor?  
Dize lá, sem vergonha,  
Homem singelo!  
Pois se nisto me mentes nunca mais a verás.

(Quem fala?)

10.

De tarde

Cesário Verde

Naquele «pic-nic» de burguesas,  
Houve uma coisa simplesmente bela,  
E que, sem ter história nem grandezas,  
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,  
Foste colher, sem imposturas tolas,  
A um granzoal azul de grão-de-bico  
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,  
Nós acampámos, inda o Sol se via;  
E houve talhadas de melão, damascos,  
E pão-de-ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro a sair da renda  
Dos teus dois seios como duas rolas,  
Era o supremo encanto da merenda  
O ramalhete rubro das papoulas!

11.

## Amores infelizes

Alberto de Serpa

*A Afonso Lopes Vieira*

Amor de olhos nos olhos e silêncios,  
de grandes palavras irremediáveis: sempre... nunca...,  
de beijos nos olhos húmidos e nas frentes enrugadas,  
de mãos nas mãos e nada mais...

Amor de longas confidências ao luar e às estrelas,  
de ciúmes que fazem insónias e sonetos pessimistas,  
de aventurosos planos que se sabe impossíveis,  
de perigos pneumónicos nas noites chuvosas, sob uma  
[janela...

Amor de olhar as águas rápidas e nocturnas do rio fundo,  
com pensamentos românticos de suicídio fatal,  
sentindo já no corpo o frio arrepiante da morte...

Amor de ir à igreja, depois, em manhã clara de Primavera,  
e de acabar num hábito suportável e tranquilo...

12.

Ah, porque não posso  
eu em prosa, ou rima

António Ferreira

Ah, porque não posso eu em prosa, ou rima  
tão alto levantar o brando nome,  
que em toda praia estranha, estranho clima,  
brandura a fera gente dele tome;

com que eu batendo as asas vá por cima  
da baixa inveja, e assi a vença, e dome,  
que em vão seus dentes quebre e dura lima,  
em vão louvor esconda, erros assome?

Mas, pois não basta o espirito a empresa tanta,  
bastar devia ao menos aqueixar-se  
esta língua em meu mal só fria, e muda.

Assi a clara vista me ata, e espanta,  
que quando dela espero mor ajuda,  
então a vejo em dano meu calar-se.